

|            | CONTINENTE | AÇORES | MADEIRA |
|------------|------------|--------|---------|
| ocorrência | Res        | -      | -       |
| categoria  | NT*        | -      | -       |

### Taxonomia

Aves, Strigiformes, Strigidae.

### Tipo de ocorrência

Residente.

### Classificação

QUASE AMEAÇADO – NT\* (D1)

Fundamentação: Espécie com população reduzida (inferior a 1.000 indivíduos maduros). Na adaptação à escala regional baixou-se a categoria, por se admitir que a população em Portugal poderá ser alvo de imigração significativa das regiões vizinhas e por não ser de esperar que essa imigração possa vir a diminuir.

### Distribuição

É uma espécie com uma grande e contínua área de distribuição, que se estende de norte a sul desde aproximadamente o Círculo Polar Ártico aos países mediterrânicos europeus, Extremo Oriente, Sul da Índia e da China, e de ocidente a oriente, desde a Península Ibérica até às Ilhas Sacalinas e Leste da China (Hagemeyer & Blair 1997, Cramp 1998).

A sua distribuição em Portugal, apesar de não ser contínua, é vasta e compreende uma larga parte do território continental, indo praticamente do Algarve até ao Norte e do litoral Oeste à fronteira com Espanha. É mais frequente na faixa mais raiana de Trás-os-Montes, Beiras interiores, Alentejo e Algarve, com as melhores e mais contínuas populações a localizarem-se na bacia do rio Guadiana, nas bacias do Douro e Tejo internacionais e ainda nas serras do Sul (Barrocal algarvio e Caldeirão) (Rufino 1989, Elias *et al.* 1998, Costa *et al.* 2003, ICN/SPEA dados não publicados). Nos restantes dois terços mais ocidentais do país, apesar de ser mais disperso ou mais raro, o bufo-real está presente desde que encontre afloramentos rochosos de média ou mesmo de pequena dimensão, em vales encaixados de ribeiras ou em encostas de algumas serras, como as do Minho, *e.g.* Peneda-Gerês, (Pimenta & Santarém 1996), maciço da Estrela, Sicó, Aire e Candeeiros e Montejunto (Rufino 1989, Elias *et al.* 1998, Barros & Marques 1999, ICN dados não publicados). Aparentemente, só não ocorrerá ou será particularmente escasso nas faixas litorais das regiões da Beira, Douro e Minho (Rufino 1989, ICN dados não publicados).

*Bubo bubo* (Linnaeus, 1758)



## Bufo-real



### População

Os hábitos noturnos desta espécie, aliados à sua discrição (apesar de se tratar de uma ave de grandes dimensões), ao facto de não construir ninho e de em muitos casos ser difícil de detectar e comprovar a sua nidificação (A Pinheiro, *com. pess.*, C Carrapato, *com. pess.*), dificultam a obtenção de uma estimativa precisa sobre a sua população reprodutora. Contudo, considerando os números apontados para as diferentes IBA's – 100 a 200 casais (Costa *et al.* 2003) –, as estimativas para todo o vale do Guadiana e seus afluentes – 100 a 150 casais (Pinheiro *et al. in press*) –, e o conhecimento sobre a existência de numerosos casais isolados ou de pequenos núcleos dispersos por serras, ribeiras e áreas protegidas do restante território nacional (C Carrapato, *com. pess.*, MC Pais, *com. pess.*, G Rosa, *com. pess.*, Onofre N dados não publicados), é possível chegar a uma estimativa grosseira de 250-500 casais de bufo-real em Portugal (Pinheiro *et al. in press*). Não se conhece a tendência actual da população mas supõe-se que esteja pelo menos estável, uma vez que globalmente não se reconhece um agravamento acentuado dos factores de regressão nos anos mais recentes. Admite-se contudo que se possam verificar declínios regionais, devido a destruição de habitat, nomeadamente por alagamento de vales encaixados na sequência da construção de barragens hidroeléctricas (Pinheiro *et al. in press*).



## *Bubo bubo* (Linnaeus, 1758)

### Bufo-real

Em termos de estatuto de ameaça a nível da Europa, a espécie é considerada *Depauperada* embora ainda provisoriamente, tendo apresentado um declínio histórico acentuado (BirdLife International 2004). Na actualidade, as maiores populações europeias, incluindo a espanhola que está classificada como *Pouco Preocupante (LC)* (Madroño *et al.* 2004), estão em recuperação ou estáveis (Martínez & Zuberogoitia 2003, BirdLife International 2004). Admitiu-se assim um risco de extinção em Portugal mais reduzido, tendo-se descido uma categoria na adaptação regional.

#### Habitat

A maior parte da população nacional encontra-se nos vales alcantilados de grandes rios e ribeiras, mas também nas encostas declivosas de serras, nidificando em regra em escarpas e outros afloramentos rochosos, mesmo que de pequena dimensão. A vegetação imediatamente circundante aos locais de ninho é quase sempre constituída por matos e matagais, mais ou menos densos e contínuos e com ou sem arvoredo. Caça em terrenos desarborizados ou de arvoredo não muito denso, com cerealicultura tradicional, restolho, pastagem e matos, bem como ainda ao longo dos vales e margens dos rios onde nidifica. Estudos indicam que é relativamente tolerante à presença ou às actividades humanas, embora na selecção do local de nidificação escolha com maior frequência áreas com encostas mais declivosas, bem revestidas por vegetação, onde, por conseguinte, a perturbação humana se faz sentir menos (Mikkola 1983, Donázar 1988, Pinheiro A, Onofre N & Carrapato C dados não publicados, entre outros). É uma espécie nidificante essencialmente rupícola, mas poderá criar em árvore, no chão ou em edifícios (MC Pais, *com. pess.*, Onofre N dados não publicados).

#### Factores de Ameaça

A destruição de habitat, motivada pela construção de barragens hidroeléctricas ou de mini-hídricas, é uma das ameaças mais importantes para a espécie, visto a maioria da população portuguesa parecer estar localizada, para efeitos de reprodução, nesse tipo morfológico de paisagem.

A perseguição por abate directo a tiro, a destruição e roubo de ninhos são práticas ilegais frequentes e conhecidas desde há muito, em particular a primeira, tal como acontece em várias zonas de Espanha (Martínez & Zuberogoitia 2003).

A depleção e as acentuadas variações sazonais e anuais das populações de coelho-

bravo *Oryctolagus cuniculus*, devido às epizootias, deverão ter implicações nas populações e na sua produtividade, mas este é um aspecto que não está suficiente estudado em Portugal.

Às ameaças acima referidas poderão juntar-se ainda a mortalidade por electrocussão em postes de linhas de média e alta tensão (SPEA 2005), e o envenenamento, para o qual ainda não existe informação suficiente em Portugal, mas que em Espanha tem uma incidência significativa (Álvares 2003, Martínez & Zuberogoitia 2003).

#### Medidas de Conservação

Para garantir a conservação desta espécie devem ser desenvolvidas campanhas de sensibilização dirigidas a caçadores, guardas e gestores de zonas de caça, agricultores, pastores e público em geral. Importa fomentar o diálogo e uma ampla cooperação com os gestores e utilizadores das zonas de regime cinegético especial, de modo a, por um lado, erradicar a aplicação de venenos, o abate a tiro e a destruição e roubo de ninhos e, por outro, recuperar e fomentar populações de coelhos imunes às epizootias imperantes. O condicionamento de acessos, trânsito de pessoas e veículos e, em particular, da própria actividade cinegética na proximidade dos ninhos deve ser tido em conta.

A espécie beneficiaria ainda com a intensificação das acções de fiscalização, com uma aplicação mais eficaz da lei e com o aumento das penalizações.

Em termos de estudos aplicados à conservação desta espécie, deve-se ainda:

- dar continuidade aos estudos de monitorização da mortalidade provocada por electrocussão em linhas eléctricas e correcção das mesmas nas zonas mais importantes para a espécie;
- incrementar os estudos epidemiológicos relativos às principais doenças que afectam o coelho-bravo e planear adequadamente repovoamentos nas áreas mais importantes da espécie;
- aumentar o conhecimento sobre a espécie, quer ao nível da sua abundância no país (censos), quer de aspectos da sua biologia e ecologia, os quais são ainda pouco conhecidos e muito localizados no espaço nacional.